



CENTURIÃO

BIMESTRAL | DEZEMBRO 2015 centuriao.castrense@gmail.com | Diretor: ANTÓNIO BORGES | Ano XXXI | n.º 5

Editorial

Mensagem de Advento Para um natal de misericórdia, dignidade e fraternidade

† MANUEL LINDA

Caríssimos homens e mulheres que servis as Forças Armadas e as Forças de Segurança, a pergunta é antiga, mas vale a pena ser continuamente lembrada: que é que o nascimento de Cristo trouxe de novo ao mundo?

Sim, já tivemos filósofos de imensa sabedoria, políticos que edificaram impérios, militares que se imortalizaram, artistas que nos legaram criações intemporais. E Jesus que trouxe de especial? Trouxe a compreensão da imensa dignidade humana e a certeza de que podemos viver neste mundo como irmãos.

De facto, a Bíblia, logo nas suas primeiras páginas, apresenta o homem como a única “imagem e semelhança” de Deus existente à face da terra. Reconhece-lhe, pois, um valor de absoluta superioridade. Mas só palavras soam a pouco. Por isso, a dado momento da história, Deus chega ao ponto de tomar carne humana, de encarnar, de fazer-Se Homem no meio dos homens. É o Natal. A partir daí, ficamos a entender bem a imensa dignidade de que somos portadores e que constitui o fundamento dos direitos humanos universais, inalienáveis e invioláveis: Deus não tem pejo de assumir como Sua a nossa natureza.

Sendo todos nós portadores desta natureza, somos, efetivamente, irmãos em Cristo. Então, este mundo não pode tender a outra coisa que não seja a uma fraternidade universal. Sim, está inscrito na sua razão de ser, no seu plano constitutivo: a história é o processo – longo, custoso e demorado – da edificação da fraternidade. Mesmo que alguns factos procurem demonstrar o contrário. É esta, efetivamente, a «pedra de tropeço» de tantos homens e mulheres do nosso mundo: não admitirem a dignidade de cada pessoa e, conseqüentemente, executarem ações abomináveis contra a fraternidade universal. A situação atual confirma isso sobejamente.

Mas vós, caros militares, militarizados e polícias, no desempenho da vossa ação de defesa e segurança, assumis institucionalmente a tarefa de fazer com que a nossa dignidade constituinte se cumpra no exercício dos direitos humanos e se lancem os fundamentos do respeito e da boa convivência nesta casa familiar comum que é o nosso mundo. Parabéns, pois, pela vossa nobre ação, altamente meritória!

Desejo-vos um bom Natal e um novo ano tranquilo e feliz. A vós que vos encontrais no país e aos que cumprem estas funções em missões de paz no estrangeiro. Mas a todos peço para não vos esquecerdes que é na fé e no concreto das vossas famílias, na ajuda aos camaradas mais necessitados e no círculo próximo dos amigos que sois chamados a concretizar este reconhecimento da dignidade humana. De mais a mais, neste tempo que o Papa Francisco definiu como “Ano da Misericórdia”. Sem isso, o nascimento de Jesus passaria despercebido, como sugere o conhecido poema de Vitorino Nemésio, que me permito transcrever:

*“Hoje é Natal. Comprei um anjo,
Dos que anunciam no jornal;
Mas houve um etéreo desarranjo
E o efeito em casa saiu mal.
Valeu-me um príncipe esfarrapado
A quem dão coroas no meio d’isto,
Um moço doente, desanimado...
Só esse pobre me pareceu Cristo”.*

Que a ternura, a misericórdia e o carinho do Deus-Menino estejam convosco. O vosso bispo e amigo, Manuel Linda

★
Boas
Festas★

Neste Natal de 2015, em pleno “Ano da Misericórdia”, Jesus vem ao nosso encontro como a ternura com que Deus nos quer envolver. Acolhamo-Lo, como nos convida a Carta aos Hebreus: *“Aproximemo-nos confiadamente do trono da graça a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno”* (Heb 4, 16).



#Fiéis defuntos

Ainda a morte prematura do P. Manuel Amorim



Às primeiras horas da madrugada de 16 de Outubro, com sessenta e três anos, faleceu o Padre CALM Manuel da Costa Amorim que, entre outras funções, foi Capelão Chefe do Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas e das Forças de Segurança. O velório do seu corpo, a Missa exequial na capela da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, e o funeral constituíram provas sobejas da imensa simpatia de que gozava.

O Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança

que, logo na madrugada, difundiu a notícia (<http://ordinariato.castrense.pt/faleceu-o-capelao-amorim/>), recebeu inúmeras mensagens de condolência. Na impossibilidade de as referir todas, destacam-se três.

O Núncio Apostólico em Portugal, D. Rino Passigato, ressaltou “o sentido de missão e de comunhão eclesial” daquele que dirigiu o Ordinariato durante vários anos.

Por seu lado, o Chefe de Estado-Maior da Armada, ALM Luís Manuel Fourneaux Macieira

Fragoso, num emotivo texto que leu no final da Missa exequial, referiu: “O Capelão Amorim foi o Padre a que todos quiseram recorrer nos momentos de alegria e nos momentos de tristeza, foi um devoto sacerdote, de inegáveis qualidades humanas, que estabelecia de forma muito natural laços de amizade, de fé e de confiança. Era precisamente a confiança que nele depositavam que mantinha à sua volta um sem-número de amigos e uma comunidade religiosa em franco crescimento alicerçada num elevado

“IN MEMORIAM” do Capelão Amorim

CAPELÃO JOSÉ ILÍDIO COSTA

Escrever algumas palavras sobre o capelão Amorim é para mim uma grande honra e um enorme privilégio. No meio de tantas palavras que já lhe foram dedicadas, estas nada acrescentarão, mas querem consubstanciar o meu preito e homenagem a uma pessoa que me marcou de forma indelével e do mesmo modo a muitas gerações de marinheiros.

Na penúltima vez que o fui visitar – na última já não foi possível conversar – disse-me: “ainda tenho muito que fazer”. Esta sua confiança, define-o. É o que mais me fica do capelão Amorim: a sua capacidade de trabalho e as convicções com que o fazia. Entusiasmava-me “vê-lo fazer”.

Recordo ainda a sua inquietação e preocupação pelos outros e pelo mundo e a sua figura de homem reflexivo, prudente e quase sempre de consensos alargados.

Mesmo sabendo que a imortalidade física do homem seria uma catástrofe cósmica, penso que precisávamos dele mais algum tempo fisicamente entre nós. Honrá-lo-emos se copiarmos as suas virtudes.

Que Deus o guarde na sua paz.

número de catequistas, de catecúmenos e demais frequentadores assíduos da Capela. [...] Através da sua ação, congregou mais fiéis, reformulou o espaço da Catequese, dinamizou um banco de roupas, reequipou a Capela, dotando-a de um novo sistema de som, de instalações sanitárias, e decorando-a sempre de forma acolhedora. Assegurava, com a simplicidade dos homens bons, as atividades regulares da sua paróquia, a de Nossa Senhora do Mar, e organizava atividades congregadoras da sua comunidade e de comunhão com as outras comunidades de onde destaco as peregrinações militares ao Santuário de Fátima. [...] Ao longo da sua carreira de 23 anos de Capelão na Marinha, dedicou 3 anos à Esco-

la de Fuzileiros, 18 à Escola Naval, onde navegou mais de 6 000 horas em 500 dias de missão a bordo do NRP “Sagres” acompanhando e contribuindo de forma muito relevante para a formação de toda uma geração de oficiais de Marinha”.

Outra prestimosa missiva era proveniente do Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, GEN Artur Pina Monteiro. Nela se escrevia textualmente: “A dedicação, a abnegação, o exemplo do Capelão Costa Amorim constituíram um estímulo e, sobretudo, um exemplo, a seguir por todos aqueles que com ele privaram. As Forças Armadas Portuguesas ser-lhe-ão eternamente gratas pelos serviços prestados. Paz à sua alma”.

Celebrações dos Fiéis Defuntos

No seguimento de uma já longa tradição, celebrou-se a Eucaristia de sufrágio por todos os fiéis defuntos do Ordinariato Castrense no dia 4 de Novembro, no Mosteiro dos Jerónimos. Para além do senhor Ministro da Defesa Nacional, Secretários de Estado, Chefes de Estado-Maior dos Ramos, Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Director Nacional da Polícia

de Segurança Pública, muitos militares de todas as patentes, polícias e civis, concelebrou também o senhor Núncio Apostólico em Portugal, D. Rino Passigato, representante direto do Papa, mostrando, deste modo, a consideração que a Santa Sé nutre por este setor da assistência religiosa às Forças Armadas e às Forças de Segurança. Na homilia, D. Manuel Linda estabeleceu um paralelo entre o «espírito de corpo», tão típico deste sector, e o sentido de Igreja e entre as sempre presentes «homenagens» aos mortos e a fé na vida eterna.

Este ano, porém, introduziu-se mais uma ação: como estamos na comemoração do centenário da 1ª Grande Guerra, antecedendo a Missa, no Museu de Marinha, o senhor Patriarca de Lisboa, Cardeal D. Manuel Clemente, proferiu uma palestra subordinada ao tema “Bento XV e a paz. O contributo da Igreja para a pacificação no tempo da Grande Guerra”. Ressaltou a abertura da Igreja ao mundo, depois de um período de forte oclusão, praticamente durante todo o século XIX. Foi essa linha «política», no sentido

de presença transformante na sociedade, que está na base da “Sociedade das Nações”, embora nunca a integrando, e que chegou até aos nossos dias, pois a fé não é apenas para ser vivida no interior dos templos, mas para fermentar o mundo.

Este ano, o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança celebrou, também, no dia 2, no Cemitério dos Prazeres, pelos agentes falecidos da Polícia de Segurança Pública e no dia 3, na igreja de S. Domingos de Benfica, pelos militares da Força Aérea.

Dia do Exército 2015

O poder como serviço efetivo

† MANUEL LINDA

O senhor bispo tem aproveitado as grandes celebrações para «fazer doutrina»: criar uma específica cultura ou mentalidade cristã a propósito dos acontecimentos e da própria razão de ser das Forças Armadas e das Forças de Segurança. Nesta linha se insere a homilia pronunciada na Sé de Vila Real, a 20 de setembro de 2015, e que aqui se transcreve.

Embora antecipando a data habitual, o Exército português celebra hoje o seu «Dia». Fá-lo apresentando-se à sociedade e mostrando-lhe que esta pode confiar nele. Mas, com esta Missa, também agradece a Deus a satisfação do dever cumprido, qual seja o seu inestimável contributo para a causa da paz e da liberdade no nosso país e até a da coesão nacional. Invoca do Alto as graças e as forças para continuar a servir estas causas, única razão da sua existência. Por estes motivos, reúnem-se nesta Sé que a mim me diz tanto, pois nela fui ordenado padre e nela tantas vezes rezei, reúnem-se – dizia – lado a lado, não só aqueles que o comandam, mas igualmente este numeroso povo crente de Vila Real, também ele apreciador e acarinhador de uma estrutura da Nação que sabe ser-lhe indispensável. Tal como eu. Por isso me sinto amigo entre amigos.

Nas celebrações religiosas, porém, para além do louvor e do pedido, também devemos proceder a uma espécie de tomada de consciência. É a palavra de Deus, proclamada nas leituras e cantada no salmo, que se nos dirige e obriga ao confronto do nosso ser com o dever-ser, das ações que fazemos com o que deveríamos fazer. E nesta tensão entre o ser e o dever-ser é que se joga a moral cristã, também ela uma dimensão necessária ou incidível da fé.

Assim sendo, estas leituras que tomada de consciência nos gera em ordem ao dever-ser?

Situo-me, apenas, no Evangelho. Ele põe o dedo na ferida: na forma como, individual ou coletivamente, gostamos de exercer o poder e na maneira como queremos que os outros se submetam à nossa autoridade. Quase sempre, um poder ao serviço do nosso bem pessoal e não do bem comum ou geral. Jesus, porém, ensina como é que esse poder deve ser exercido: como serviço fraterno de caridade ou de amor. Ensina que o verdadeiro fundamento da autoridade não está nos símbolos ou títulos que a sociedade nos atribui, mas na elevação dos valores que movem a nossa acção. São palavras de Jesus: “*Quem quiser tornar-se o primeiro, faça-se o último e o servidor de todos*”. E dá um exemplo ilustrativo: o da criança a quem, naquela altura e ao contrário de hoje, não se reco-

nhacia qualquer direito nem valor, pois existia apenas para o serviço dos pais que sobre ela dispunham de um quase direito de vida ou de morte.



O Exército tem poder na sociedade. Possui as armas, instrumento de coação. Como usa esse poder? Graças a Deus, entre nós, para o serviço do bem comum. Mas os que o constituem, na sua enorme maioria católicos e todos homens e mulheres de boa vontade, jamais se poderão esquecer desta razão ética, a única a conceder justificação à sua atividade militar. Reflitam numa frase do pensador Alessandro Manzoni: “*Não existe qualquer outra*

superioridade de um homem sobre os outros homens, a não ser quando se coloca ao seu serviço”. É a «superioridade moral», a que não resulta do poder pelo poder, mas do poder como ajuda à promoção integral. Ideia equivalente à expressa pelo santo da simplicidade e da bonomia, o Papa João XXIII: “*O poder e a autoridade são, sobretudo, uma força moral*”.

Força moral que, desgrazadamente, muito falta no nosso mundo. Por isso, as coisas estão como se vê. Esta «terceira guerra mundial em folhetins», como diria o Papa Francisco; o horror da perseguição aos cristãos no Médio Oriente, com requintes de crueldade que nem Nero, Hitler ou Estaline foram capazes de descobrir; o imenso sofrimento dos refugiados para quem o Mediterrâneo não representa maior perigo do que a barbárie que invadiu as terras onde nasceram; a hipocrisia nojenta de certos países europeus e americanos que dizem combater os fanatismos, mas lhes vendem armas e os sustentam comprando-lhes o petróleo, o ouro e as obras de arte extorquidos; o vazio ético-religioso programado e induzido no Ocidente e, agora, um pouco por todo o mundo, que está a ser preenchido, particularmente entre os jovens, pela atração da violência e pela adesão radical aos fundamentalismos; esta recusa

de os ricos se envolverem para os pobres se desenvolverem; a inoperância de governos, organismos regionais, como a própria União Europeia, e fundamentalmente a ONU, que está a ficar cada vez mais inútil e até força de obstrução ao bem comum universal; etc., tudo isto mostra que o maior problema do nosso mundo não repousa na produção ou no desenvolvimento tecnológico, quase sempre posto ao serviço dos que o podem pagar, mas na carência dos valores humanos, éticos e religiosos. Também no campo dos valores se pode aplicar o velho princípio da física: a natureza tem horror ao vácuo. Se, no mundo, faltam valores, o seu lugar é ocupado por essas e outras negatividades que referi.

Caros militares do Exército, é por isto que eu prefiro ver as armas nas vossas mãos do que proliferarem anarquicamente nas mãos dos agentes do mal. Convosco, as armas são instrumento de liberdade; neles, são certeza de opressão e de morte. Mas, insisto, a grande diferença entre vós e eles está nos valores que vos norteiam. Então, no meio da fluidez desta cultura e forma de vida ocidental que pode estar a chegar ao seu fim, sede um bastião de referência de valores humanos, éticos e – porque não? – também religiosos.

Deus vos ajude.

Homenagem a Dom Nuno Álvares Pereira

São Nuno de Santa Maria, o militar do «bem comum»

TCOR PAULO JOSÉ DA C. LOURENÇO

O Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Manuel Linda, celebrou, no passado dia 07 de novembro, na igreja de S. João Baptista, na Foz do Douro, na cidade do Porto, a memória litúrgica de São Nuno de Santa Maria, o herói Dom Nuno Álvares Pereira.

Na homilia, que pode ser lida na página www.castrense.pt, D. Manuel Linda centrou-se, fundamentalmente, em al-

go que é desconhecido do grande público: o projecto humanista de sociedade que o Condestável defendeu, a exemplo da «Magna Charta» inglesa, isto é, uma «Constituição» que garantisse direitos e liberdades do povo face ao poder real. Depois de acentuar que os feitos militares foram motivados pelo seu ideal de defesa do bem comum, concluiu: “*Aqui reside o timbre da diferença entre a forma humanista de fazer política e outros estilos que, muitas vezes, mais se as-*

semelham ao regresso, ainda que inconsciente, à demagogia da velha Roma decadente pré-cristã, apenas preocupada com o pão e o circo”.

A missa fazia parte do programa de uma homenagem a Dom Nuno Álvares Pereira promovida pela Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, que incluiu também um almoço com os associados e uma conferência intitulada “*Dom Nuno Álvares Pereira – o homem, o militar e o santo*”, proferida pe-



los Prof. Doutor Adão da Fonseca, General António Barrento e Frei Francisco Rodrigues.

O evento contou com a presença de associados, familiares destes e público em geral.

#Imagem Peregrina

Como Mãe que visita os filhos

Imagem peregrina acolhida no Ordinariato

Porque no Ordinariato Cas-trense a Senhora de Fátima tem muitos e bons filhos, não poderia passar à porta das Unidades sem entrar e «fazer companhia» a quantos lhe têm devoção.

Na BrigMec de Santa Margarida

Foi assim no dia 22 de Outubro, na Brigada Mecanizada. Como era de esperar, o Exército Português recebeu a Mãe de Deus e Mãe da Igreja com toda a dignidade e cavalheirismo. Estava, de facto, representado ao mais alto nível: Chefe de Estado-Maior, GEN Carlos Jerónimo, os três Generais Comandantes das Brigadas, ou seja, toda a parte operacional do Exército (Brigada de Intervenção, Brigada Mecanizada e Brigada de Reacção Rápida), outros militares da BrigMec, Comandantes de Unidades da zona e estrangeiros a participar no Exercício NATO Trident Juncture 2015, incluindo o MGEN Dean Milner, “senior officer” do Contingente canadiano e Comandante do exercício. A nível civil, marcaram presença a Presidente da Câmara Municipal de Constança, vários autarcas locais, familiares de militares que servem em Santa Margarida, e muitos outros devotos de Nossa Senhora. Presentes, igualmente, o Arcipreste e o clero do Arciprestado de Abrantes.

A Eucaristia foi presidida pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança que, à homilia, estabeleceu um paralelo entre a situação de 1917, na altura das Aparições de Fátima, e a de hoje, para concluir que a conversão do coração para Deus e para os irmãos é que obtém a promessa de que “a guerra vai acabar”, como prometeu Nossa Senhora aos Pastorinhos. E se alguém está interessado em que não haja guerra são precisamente os militares.

É Comandante da Brigada Mecanizada o MGEN Luís Nunes da Fonseca.



Na Base Aérea do Montijo

A 26 de Outubro, com a elegância e a distinção que a caracteriza, a Força Aérea recebeu festivamente a imagem peregrina na BA6, no Montijo, em cerimónia presidida pelo Chefe de Estado-Maior, GEN José Pinheiro, e com a participação de muitos outros Generais, Oficiais, Sargentos, Praças e Civis, bem como cristãos anónimos que quiseram associar-se. D. Manuel Linda, acompanhado por todos os capelães em Serviço na Força Aérea, presidiu a uma celebração litúrgica. De ressaltar, também, a presença do Capelão das Forças Americanas, em exercícios na Base, o qual, não obstante a sua confissão de fé ser a Baptista, também quis associar-se.



A imagem foi recebida à porta de armas com honras militares e sobrevoada por uma aeronave, como sinal de extrema deferência. Conduzida em procição a um hangar, local habitual de trabalho para que a Força Aérea cumpra a sua missão, aí se procedeu a uma celebração na qual o bispo das Forças Armadas e de Segurança destacou que a receção a Maria, que “depois de Jesus é a mais alta em valores, pode ser uma boa referência para a Força Aérea, já que a sua palavra de ordem é «sempre mais alto». E este «sempre mais alto» pode entender-se também na busca da qualidade, da subida em valores, da preocupação pelos outros, da segurança, da liberdade e até da heroicidade das buscas e salvamentos”. De facto, nesta ceri-

#Imagem Peregrina

mónia e na presença da imagem peregrina, foram condecorados alguns militares que, nos Açores, arriscaram a sua vida “para que outros fossem salvos”.

O comandante da BA6, COR António Temporão, em declarações à Agência Ecclesia, que assegurou a reportagem vídeo, destacou a componente da fé, potenciada em cada unidade pela figura do capelão, como essencial para o sucesso dos projetos nos quais os homens e mulheres militares, todos os dias, se envolvem: “*Em alturas de conflito, o capelão é o enfermeiro da mente, a pessoa que quando fraquejamos ou a saudade aumenta, nos dá alento; em tempo de paz, é um homem que nos apoia e dá espírito de alegria; na perspectiva de quem tem de comandar, o capelão é os olhos e os ouvidos da estabilidade social da unidade; e é também o elo de*

ligação com a comunidade local, que os militares têm a responsabilidade de ajudar”.

A Força Aérea tem Nossa Senhora do Ar como Padroeira e as caudas dos aviões portugueses ostentam sempre a Cruz de Cristo.

Em Évora, na Guarda

Foi na noite de 18 de novembro que a bonita parada do Comando Territorial de Évora da Guarda Nacional Republicana acolheu a ilustre visitante. A aguardá-la, estava o Comandante do Comando Operacional da Guarda, MGEN Luís Francisco Botelho Miguel, o Comandante Territorial de Évora, COR Pedro Miguel Ramos Costa Lima, os seus Oficiais, Sargentos, Guardas e Civis, um pelotão a cavalo que prestou honras militares e um belíssimo coro de Canta-



res Alentejanos, constituído por militares dos Comandos Territoriais de Évora, Portalegre e Beja. Acompanhado pelo Capelão Adjunto para a GNR, P. Agostinho Freitas, Adjunto para o Exército, P. Jorge Matos, e pelo Pároco da Paróquia de S. Braz, D. Manuel Linda presidiu à liturgia. Falou da importância de Maria na história da Salvação e considerou como um aspecto a registar que o acolhimento que a Guarda dedicou à Imagem Peregrina se tenha realizado no coração do Alentejo, terra de gente de enorme religiosidade e devoção a Nossa Senhora.

Seguidamente, o Comandante do Comando Operacional, em nome de toda a Guarda, pronunciou a seguinte oração:

“*Senhora de Fátima, [...] ajudai-nos a estar sempre prontos na defesa de Portugal, a Nossa Terra e “Terra de Santa Maria”, a cumprir com honestidade e dedicação a nossa missão de “respeitar e defender a dignidade humana”, “o direito à vida, à liberdade, à segurança e demais direitos fundamentais de toda a pessoa”. Ajudai-nos, Senhora, a enfrentar, com coragem, os riscos decorrentes do exercício desta nossa nobre Missão, seja ela exercida navegando no mar ou percorrendo território, nas estradas, ruas e caminhos, cidades, vilas e aldeias, calcorreando montes, campos e vales. Como zeladores pelo cumprimento da Lei a bem da Grei, ajudai-nos a cultivar e a promover “os valores do*

Humanismo, da Justiça, da Integridade, da Honra, da Imparcialidade, da Isenção, da Probidade e da Solidariedade”. Ajudai-nos a ser prudentes, a acudir, com presteza, a todos os que carecem do nosso auxílio, a ser fiéis aos nossos deveres e serenos nos perigos, humildes nas vitórias e fortes nos fracassos, ajudai-nos a cuidar da nossa “casa comum”, “a mãe terra, que nos sustenta e governa e

produz variados frutos e flores coloridas e verduras” e a confirmar a nossa Guarda como uma Força de Segurança determinada, próxima, humana, generosa, depositária de valores e inspiradora de confiança... Como Vós, Mulher, Mãe, Padroeira!”

Em nome de todos, uma Militar, a Cabo Rosa Piedade, ternamente colocou uma flor junto ao andor da Imagem Peregrina.



BREVE

Militares canadianos em Fátima

No final dos exercícios militares da NATO, Trident Juncture 2015, um grupo de militares do Royal 22 Regiment, do Canadá, acompanhados pelo capelão da Brigada Mecanizada de Santa Margarida, P. António Joaquim Pinto Dias, peregrinou a Fátima.

Inteiraram-se da história das aparições, rezaram na capelinha e basílica e compraram recordações religiosas para as famílias.

Uma vez que os bispos portugueses também se encontravam em Fátima, na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal, este grupo foi recebido pelos bispos de Leiria-Fátima e pelo Ordinário Militar para Portugal, como a foto documenta. A ocasião permitiu a bênção dos objetos de devoção, motivo enorme de alegria para estes militares católicos.



#Atividades Pastorais

Na USHE

Bênção e imposição do Escapulário do Carmo



O Escapulário tem as suas raízes na tradição da Ordem do Carmo que o interpretou como sinal de protecção materna de Maria. Representa o compromisso de seguir a Jesus como Maria, o modelo perfeito de todo discípulo de Cristo. Este compromisso tem a sua origem no baptismo e concretiza-se ao longo da existência na adoção de boas práticas de vida.

Tal como Deus recorre a sinais humildes para manifestar a

sua grande misericórdia para connosco, também o ser humano adota sinais humildes para exprimir os seus sentimentos de gratidão, para manifestar a sua fé, para mostrar a sua vontade de servir e o propósito de ser sempre fiel aos compromissos assumidos.

A Guarda Nacional Republicana escolheu como padroeira Nossa Senhora do Carmo, confiando-se à sua defesa e protecção. Deste modo, o Escapulário do Carmo faz todo o sentido entre os militares da Guarda.

No dia 27 de outubro, numa Liturgia da Palavra na Unidade de Segurança e Honras de Estado, o Capelão procedeu à bênção e imposição do Escapulário do Carmo, em celebração aberta a todos.

Deus, princípio e fim da nossa santidade, que nos chamais a percorrer o caminho da perfeição pelo serviço à lei e à grei, e que desafiáis todos quantos renasceram da água e do Espírito Santo à excelência na capacidade de fazer o bem, na capacidade de amar, olhai benignamente para os vossos servos que recebem piedosamente o Escapulário em honra de Nossa Senhora do Carmo, e fazei que se tornem verdadeira imagem de Cristo, de modo que, ao terminarem o curso da sua vida terrena, com o auxílio da Virgem Santíssima, mereçam entrar na alegria da vossa morada celeste.

Após a oração de bênção procedeu-se à imposição do Escapulário com as seguintes palavras: Recebe este hábito, pelo qual és acolhido(a) sob o manto protetor de Nossa Senhora do Carmo; procura viver de tal modo que, com o auxílio da Santa Mãe de Deus, para glória da Santíssima Trindade e para o bem da Igreja e dos homens, te empenhes cada vez mais em revestir-te de Cristo, que nos remiu com o seu sangue, servindo a lei e a grei.

Visita à BA 1 e Museu do Ar

A Base Aérea Nº 1 e o Museu do Ar (Sintra), no dia 4 de junho de 2015, receberam o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda.

A visita iniciou-se com a recepção do Sr Bispo, pelo Comandante da BA Nº 1 e por um grupo de militares representativos da Unidade, que lhe deram as boas vindas. Após este encontro visitou a Esquadra 101 – “Roncos”, onde recebeu o Briefing do comandante da Esquadra e procedeu a uma descolagem e aterragem no simulador da Aeronave Epsilon TB30.

De seguida foi recebido pelo Diretor do Museu do Ar, que acompanhou D. Manuel Lin-

da pelo vasto espólio que aquele Órgão detem, e que retrata fisicamente a história da Aviação ao longo dos tempos.

A visita terminou com a celebração da Eucaristia, na ca-

pela de Nossa Senhora do Ar, e com a administração dos três Sacramentos de Iniciação Cristã a quinze catecúmenos e o Sacramento da Confirmação a dez militares ou seus familiares.



Na USHE

Recolha de Sangue e Medula Óssea

Dar sangue e medula óssea é um ato voluntário e benévolo que representa a única forma de proporcionar aos que necessitam o conforto de saber que podem contar com a solidariedade de todos. Hoje somos nós a contribuir, no futuro poderemos ser nós a usufruir da generosidade de terceiros.

Os meios de comunicação social em canal aberto e as redes



virtuais trazem sucessivos apelos de socorro quanto à necessidade de sangue e de dadores de medula óssea. Mesmo dentro da família da Guarda, são conhecidos casos de militares e respectivas famílias que aguardam dadores compatíveis.

Estamos cientes de que a solidariedade e a cidadania passam pela lei, mas vão muito mais longe. O serviço ao bem comum, o serviço à grei move-nos de forma dinâmica e empenhada. Daí que, no nosso meio, não tivessem sido necessários muitos apelos, para reunir um considerável número de dadores de sangue e medula óssea.

No início de novembro de 2015, na Unidade de Segurança e Honras de Estado, fomos visitados por um posto móvel do Instituto Português do Sangue e da Transplantação e partilhamos



vida com outras pessoas que um dia venham a precisar.

E como seria desejável para todos os momentos do nosso existir, a alegria, a boa disposição e o bom humor estiveram sempre presentes.

Visita à BA 11

O Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda, realizou uma visita pastoral à Base aérea Nº11, em Beja, no dia 14 de julho, onde foi recebido pelo Comandante da Unidade, Coronel Teodorico Lopes.

Acompanhado pelo Capelão Adjunto da Força Aérea, Coronel Joaquim Martins, D. Manuel Linda teve oportunidade de contactar com o pessoal dos diversos serviços da Unidade, de visitar as várias esquadras de voo ali sediadas e, ainda, de voar no helicóptero Alouette III, da Esquadra 552 - “Zangões.”



#Atividades Pastorais

No Cemitério do Alto de São João

Oração e Homenagem da Liga dos Combatentes

CAPELÃO BORGES

Soren Kierkegaard escreveu que o presente só se vive de forma autêntica e construtiva colocando o olhar no futuro, na linha do horizonte, no infinito... Mas só se tem força para viver o presente, só se compreende o presente... se se contempla o passado.

Este mês de Novembro põe-nos diante da fronteira de uma pátria futura... fronteira que um dia, todos havemos de atravessar. Alguns concidadãos, amigos e camaradas, que honramos e com quem partilhamos valores e símbolos, atravessaram já essa fronteira. É, por isso, que nos reunimos hoje aqui, unidos pela saudade, pela honra, pela dedicação a um povo.

Neste dia da Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, fazemos lembrança e damos graças a Deus... porque sabemos, e de fonte segura, que «se esta tenda... for desfeita, recebemos nos Céus uma habitação eterna, que é obra de Deus», como se pode ler na segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios. Assim, nós comemoramos os fiéis defuntos porque acreditamos que... embora tenham morrido biologicamente... eles vivem!

Aqueles que se dedicam ao setor primário da economia – a agricultura – acabaram recentemente as colheitas e as vindimas! Não foi pelo facto de terem



cortado o milho e os cachos de uvas... que o milho morreu... ou que as uvas secaram! Não! Cortados, amassados e triturados... tornaram-se pão e vinho! Isto é: tornaram-se Vida do Homem: bebida e alimento para a vida da humanidade! De modo semelhante os amigos e camaradas que deram a vida por Portugal não morreram ou secaram... sem mais! Não! É por eles e por Portugal que estamos hoje aqui! Da sua vida construímos a nossa vida! Em Cristo e em nós, eles estão presentes! Eles na eternidade... e nós

caminhando, apesar das fragilidades, para essa plenitude! Com esta oração e homenagem, graças a Cristo, hoje é dia de comunhão com todos os que nos antecederam:

- afirmamos a fé na ressurreição...
- afirmamos a certeza de que a morte física não é o fim...
- afirmamos que a laje do sepulcro não é a última porta que se fecha...

A morte física e a laje do sepulcro não são a última porta que se fecha, mas tão só... o fechar da tenda «que é a nossa

morada terrestre»... e o abrir das portas da «habitação eterna que recebemos nos Céus e que é obra de Deus!»! A doação da vida pela causa maior do serviço ao bem comum catapulta para a plataforma da eternidade.

Deste modo, hoje, celebramos a vida e não propriamente a morte... celebramos a esperança e não o desespero, celebramos o valor e não o fracasso, celebramos a doação e não o egoísmo, celebramos os que içaram a bandeira de Portugal e, da eternidade, jamais deixarão que as sombras da noite caiam sobre ela.

BREVE

Na Serra do Carvalho Homenagem aos oito pilotos da FAP

A Força Aérea Portuguesa e a Câmara de Vila Nova de Poiares prestaram homenagem aos oito pilotos que, há 60 anos, perderam a vida na Serra do Carvalho.

No dia 12 de julho celebrou-se a Missa de Sufrágio e Evocação, na Capela construída no local do trágico acidente. O Capelão Adjunto da Força Aérea, COR Joaquim Martins, presidiu à Missa. Para além do Chefe de Estado Maior da Força Aérea estiveram presente outros senhores Oficiais Generais, Oficiais, Sargentos e Praças, entidades civis e população local.



A quando da deposição da coroa de flores, uma parrelha de aviões F16 sobrevoou o local.

O acidente aconteceu em 1955, por ocasião das comemorações do 3º aniversário da Força Aérea enquanto Ramo independente.

Para perpetuar a memória dos pilotos falecidos, a autarquia fez construir uma capela em honra de Nossa Senhora do Ar e um Cruzeiro no cimo da povoação.

No ano em que se assinalaram os 50 anos do acidente, foi também inaugurado o monumento “Voo dos Anjos”, numa rotunda à entrada de Vila Nova de Poiares, constituído por oito colunas encimadas por ‘asas’. Cada uma delas representa um dos militares que pereceram neste acidente.

No dia 21 de novembro de 2015

Celebração de São João de Capistrano

Este santo, pouco conhecido entre nós, é o padroeiro dos capelães militares, já que mobilizou milhares de camponeses, na Hungria, para formar um exército que resistisse a uma invasão otomana. E conseguiu-o, no chamado cerco de Belgrado, em 1456. A sua memória litúrgica celebra-se a 23 de Outubro.

Este ano, os capelães ao serviço das Forças Armadas e das Forças de Segurança reuniram em Coimbra, no Quartel General da Brigada de Inter-



venção para reflexão, oração e convívio: de manhã, o Capelão Adjunto da Guarda Nacional Republicana, P. Agostinho Freitas, apresentou uma reflexão sobre o Ano da Misericórdia, e o senhor bispo presidiu à Eucaristia antes do almoço de convívio; de tarde, procedeu-se a uma visita cultural a alguns monumentos da cidade de Coimbra.

Os capelães, sensibilizados, agradecem ao senhor GEN Aguiar Santos a deferência com que foram recebidos na BrigInt.

#Desafios

No Ano Santo da Misericórdia

“Deixemo-nos surpreender por Deus”

Como foi amplamente noticiado no nosso número anterior o Papa Francisco proclamou um Jubileu Extraordinário ou Ano Santo da Misericórdia. Decorrerá desde o dia 8 de Dezembro próximo, Solenidade da Imaculada Conceição, aquela que nos trouxe a salvação misericordiosa, que é Jesus Cristo, até 20 de novembro de 2016, data em que se celebra a Solenidade de Cristo Rei, isto é, a certeza de que todos os homens, mesmo que o não saibam, e a história do mundo convergem para o grande porto de salvação que é o nosso Deus.

O Papa convidou os bispos do mundo a abrirem uma «porta santa» nas suas dioceses. É uma expressão sensível do crente mostrar que se abeira de Deus para receber a sua misericórdia e o seu amor.

Atendendo à nossa especificidade, vamos abrir a nossa «porta santa» na igreja da Memória, nossa Catedral, no dia 10 de dezembro, quinta-feira, com o seguinte programa:

- 14h30 – Celebração penitencial e confissões;
- 15h30 – Procissão do exterior e abertura da porta santa;
- 15h45 – Celebração da Missa.

Convido todos a participarem, se possível com as suas famílias. Também isto será uma forma de mostrar a todos que os cristãos presentes nas Forças Armadas e nas Forças de Segurança sabem conciliar a vivência da fé com uma específica forma de atuação no mundo. Por isso, entram no espaço sagrado, como expressão visível do contacto com o divino; mas voltam ao mundo, lugar onde a fé modela o comportamento humano e eleva, em humanismo, a história e a cultura.

Como escreveu o Papa, “*deixemo-nos surpreender por Deus[...]. A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. Sabe que a sua missão primeira, sobretudo numa época como a nossa cheia de grandes esperanças e fortes contradições, é a de introduzir a todos no grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo*”.



M. I. Rupnik

BREVES

O Ordinariato na internet

Infelizmente, a nossa página Web ainda não está concluída. Mas já dá um ar da sua graça. Além de algumas notícias, já aparece a «agenda» dos principais acontecimentos programados. Pode ser visitada em www.ordinariato.castrense.pt ou simplesmente em castrense.pt.

Brevemente, também serão ativadas duas contas nas redes sociais: uma do facebook e outra no twitter.

Peregrinação à Terra Santa

Correspondendo a um pedido do Papa para a celebração do Ano da Misericórdia, o Serviço de Assistência Religiosa às Forças Armadas e Forças de Segurança organizou a primeira peregrinação à Terra Santa. Será por alturas do Carnaval/2016.

Possíveis interessados devem inscrever-se quanto antes, pois a companhia aérea não mantém a reserva de lugares durante mais tempo. O programa e mais informações podem encontrar-se em www.castrense.pt ou ser pedido diretamente à Capelania Mor pelo seguinte email: capelania.mor@defesa.pt.

